

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ARTES CÊNICAS

Armr'Ore Erormray de Souza Macena.

FUTURAISTYK- UMA TECNOLOGIA-MATÉRIA ANCESTRAL

SÃO PAULO

2021

Armr'Ore Erormray de Souza Macena.

fUTURAISTYK- UMA TECNOLOGIA-MATÉRIA ANCESTRAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Artes
Cênicas, apresentado ao Departamento de Artes Cênicas.

Orientação: Profa. Andréia Nhur.

São Paulo

2023

Nome: Armr'Ore Erormray de Souza Macena.

Título: FUTURAISTYK- UMA TECNOLOGIA-MATÉRIA ANCESTRAL

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca: 22/03/2023

Nome: Andréia Nhur

Instituição: Departamento de Artes Cênicas- ECA- USP

Nome: Helena Bastos

Instituição: Departamento de Artes Cênicas- ECA- USP

Nome: Kyra Reis

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe por nunca me deixar só, mesmo quando sinto/digo que estou, e todos que sei que estão comigo, não só aqui. Abigail por espiralar meus caminhos como uma onda recorrente que me impulsiona a//ir/a//lém . Leandro por cada dia que vivemos, estudamos e brincamos nossa imaginação juntas, mesmo longe te vejo caminhando comigo me inspirando a nunca desistir. Toda vez que converso com Helô lembro o quanto me sinto em casa com ela, sua vida me deixa alegre mesmo sem te ver, me ensina sempre mais sobre o que é família e me encontro descobrindo sobre mim coisas que nem sonhava saber. Agradeço minhas famílias House Of Mamba Negra e Casa dy Fleury's por todo cuidado e afeto trocado, por me ensinarem o que é família e que posso sim construir uma de formas tão mais gostosas do que estive acostumado durante uma vida. Por muito tempo não me senti em casa, em diversos lugares, mas não aqui, vocês me dão força de vida e sem vocês nem esse projeto nem nada seria possível. Agradeço imensamente minha orientadora Andréia Nhur por todo apoio e conhecimento compartilhado, nesse processo e durante a graduação, assim como todos professores do departamento e funcionários que foram essenciais para que esse processo acontecesse. Alexys é um respiro, ter você desde o início de tudo sempre foi um respiro, essencial e me traz vida, chegar nessa cidade e encontrar uma amizade tão sincera e companheira quanto a sua me deu e dá forças de que não estamos sós. A esses e outros encontros que me salvam agradeço emanando para que nós e outros vivamos cada vez mais, e Eles “queimarão no fogo do inferno, inferno esse que eles mesmo criou” (Sé da Rua).

Sumário

RESUMO	6
ANTES DE SERVIR	7
DE NÓS PRA NÓS FAÇAMOS LAÇO	9
OBJETIVO?	12
COMO CONSTRUIR	13
CONCEPÇÃO DRAMATÚRGICA	16
MUDANÇAS E DESCOBERTAS	42
CAMINHOS	48
ANEXOS	49
REFERÊNCIAS	50

RESUMO

Esse trabalho busca destrinchar o processo de corpo e de direção de arte presentes na criação do show *A Fabulosa Viagem de Futurística*. A dramaturgia sonora e corporal se desenvolveu intrincada às nossas vivências enquanto corpos trans em um sistema normativo e como encontramos algum espaço de possibilidade entre nós mesmas, por exemplo, em festas, bailes e *balls*. As linguagens presentes na cultura *Ballroom*, o *Voguing* e o Funk dialogam com questões da solidão das pessoas trans e algumas possibilidades no lidar com a mesma. Uma dessas maneiras é esse encontro e troca transcentrada que abordamos no papel e na prática com esse show, construindo esse processo entre nós e pesquisando principalmente pessoas trans, teóricas ou não, para transmutar esse material em substância poética.

ANTES DE SER/V/IR

A Fabulosa Viagem de Futurística nasceu a partir da concepção de Alexys Agosto em parceria com Armr'Ore Erormray e Helô, três pessoas trans do Departamento de Artes Cênicas, Helô concluiu a graduação em 2021 e Alexis e Armr'Ore concluem juntas com esse projeto. Em 2020, em meio a quarentena causada pela pandemia de coronavírus, iniciamos um processo criativo online com o objetivo de nos aprofundarmos na linguagem musical. A partir disso, criamos um universo que acabava por refletir a realidade vivida por nós naquele momento. Realizamos encontros virtuais nos quais nos dedicamos a estudar técnica vocal e a imaginar possibilidades de narrativas que refletissem metaforicamente as nossas vivências enquanto corpos transgêneras.

Apontamos como objetivo construir um espetáculo musical no qual as músicas apresentassem diversas camadas de interpretação. Juntas, elas contam uma história, mas separadas não perdem possibilidades de significação. O universo que estávamos criando foi ganhando um ar futurista, refletindo a sensação de mudança de era causada pela pandemia e pela imagem alienígena/monstruosa delegada às pessoas trans em nossa sociedade. O livro *Manifesto Contrassexual* de Paul Preciado contribuiu para escolhermos esse caminho, pois nele o autor analisa a nossa sociedade a partir de suas tecnologias sexuais e de gênero, afirmando que os seres humanos podem ser definidos como ciborgues pela sua relação intrínseca entre tecnologia e natureza. A solidão enfrentada pelos nossos corpos, já existente antes da quarentena, mas agravada com a pandemia, se fez protagonista.

Para contribuir com a estética que desejávamos construir, iniciamos uma pesquisa em cima de sintetizadores disponíveis em diversas *DAWs (Digital Audio Workstation)*. Optamos por construir esse projeto majoritariamente com sons digitais. Posteriormente, decidimos incluir a guitarra com distorção como um eixo sonoro por entender que esse instrumento, apesar de ser analógico, ao receber distorções emite um timbre que pode ser entendido como eletrônico e não acústico. Essas escolhas também se deram levando em consideração as nossas principais

referências e gostos musicais, que passam pelo Pop, Funk Brasileiro, Rock, Pop-Rock, House, Dance e Vogue Beat.

Ao longo do tempo, compusemos músicas que expressavam temas que queríamos explorar e as organizamos em uma dramaturgia sonora. Dividimos a construção narrativa em três momentos, os quais chamamos de atos. Cada ato contém 4 canções entre 2:00 e 3:10 minutos e uma introdução ou interlúdio, totalizando 15 faixas. A dramaturgia se divide da seguinte forma:

Ato 1 (partida) - contém um prólogo que introduz a ambiência do álbum e uma música que recepciona o ouvinte. O universo da personagem Futurística é apresentado, percebe-se a iminência do fim do mundo e a necessidade de buscar outros meios para sobreviver. Futurística decide então viajar pelo sistema solar.

Ato 2 (viagem) - para fugir do fim do mundo, Futurística parte sozinha para uma viagem espacial. Em uma nave ela começa a passar por diferentes etapas da solidão.

Ato 3 (regresso) - Futurística retorna ao seu planeta e tenta lidar com suas cicatrizes. Ela é aconselhada por um ser místico agênero a ser livre e decide seguir este conselho. Por fim, há uma música de despedida direcionada ao ouvinte.

DE NÓS PRA NÓS FAÇAMOS LAÇO

Essa escrita se refaz em nós, o sentido não é objetivo, talvez aponte em muitas direções e na busca de entendimento você pode nunca chegar a sentir. O sentir pela palavra escrita muitas vezes é distante do meu olhar, talvez me veja melhor em encruzilhadas, kadique escrevo assim. Se não assim, não teria forças de escrever deixando de ser eu. Incluo também registros na busca de causar algo aí dentro, mesmo que a faísca apague, na busca de que possamos ascender nossos fogos.

Aqui e em mim tem um pouquinho de quem conheci, de quem fui, do que inventei e do que me ensinaram. No caminho, entendi mais de mim pesquisando e trocando entre nós. As danças/movimentos presentes no meu corpo, Popping e Voguing, fazem parte das culturas afrodiáspóricas que se reinventam a cada dia mantendo a beleza de cada história que veio, vem e que virá. Eu não seria eu se não fosse elas e aqui surge minha força de criar com meu corpo, nesse processo de retomada ancestral que perpassa meu corpo.

Águas. Mares. Travessias. Diásporas. A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social. Os africanos transplantados à força para as Américas, através da diáspora negra, tiveram seu corpo e seu corpus desterritorializados. Arrancado de seu domus familiar, esse corpo, individual e coletivo, viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus sistemas linguísticos, filosóficos, religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornados estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram às desumanas condições da travessia marítima transcontinental foram destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu. Este olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente orais, menosprezou sua rica oralidade; quis invalidar seus panteões, cosmologias, teogonias; impôs, como verdade absoluta, novos operadores simbólicos, um modus alheio e totalizante de pensar... Como nos relembra Gates, os africanos que cruzaram o mar oceano não viajaram e sofreram sós. Com nossos ancestrais vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística,

étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. (MARTINS, 2021, pg. 30)

Há também minha ancestralidade trans, não no sentido literal, mas que em contato com outras corpos trans e com a história da nossa comunidade, principalmente dentro da cultura *ballroom*, observo o quanto essas vidas influenciam em tudo que posso ser hoje e me motiva a manter essa história viva.

Esse projeto dialoga constantemente com questões que perpassam a realidade dos performers, principalmente as transfobias estruturais ou não vividas por nós. A população transgênera é vista pela sociedade como seres monstruosos, bizarros e imorais por romper com a norma binária homem/mulher. Dessa forma, é excluída, de maneira direta ou indireta, dos espaços. A solidão, gerada pela cisnorma que dita quais corpos podem ser amados, produz diversos efeitos psicológicos e até físicos. Esse fato se estende para as relações afetivas, românticas ou não. Por exemplo, após a transição, muitos indivíduos perdem amizades, relacionamentos amorosos e até mesmo contato com a família, sendo também muito mais difícil desenvolverem novas relações. Esses aspectos da interação social geram um sentimento de não-pertencimento e de solidão que leva ao adoecimento. As pessoas transgênero viveram de forma ainda mais intensa a solidão durante a pandemia, agravada pelo fato de retornarem às casas dos pais e por sofrerem transfobias nesse espaço e/ou pela vulnerabilidade de não poder mais realizar seus trabalhos autônomos, visto que essa população tem maior dificuldade em conseguir empregos formais.

Esse projeto visa abordar o tema da solidão, dentro e fora da pandemia, além de outras questões vividas por pessoas trans sem deixar de celebrar a vida desse grupo de pessoas. Para além disso, busca estabelecer um diálogo e encontrar junto com o público caminhos para fortalecer e energizar essa população, por meio da atmosfera de festa no espetáculo visto que a acreditamos que esse processo de conexão desses corpos, chamado pelys trans de *transcentrar*, seja um dos caminhos de começar a mudar esse aspecto da realidade transgênera, apesar de todas as dificuldades de realizar esse movimento. Esse termo, *transcentrar*, muitas vezes é utilizado para indicar relações amorosas entre pessoas trans, mas

também pode indicar um espaço só com pessoas transgêneras, por exemplo, “vamos fazer um rolezinho transcitrado”. O termo muito provavelmente surgiu inspirado na palavra afrocentrar que indica um movimento de cultivar relações com e entre pessoas pretas.

Os nossos maiores referenciais são obras artísticas produzidas por outras pessoas trans ou que tensionam de alguma forma os padrões de gênero binário cisnormativo, como, por exemplo, as pessoas atuantes na cena ballroom e poetas que se apresentam no Slam Marginalia, slam realizado por e para pessoas trans. Retomando aquilo que Renata Carvalho (2022) chama de transcestralidade, ou seja, pretendemos estar em diálogo com aquilo produzido, vivido e expressado por outras pessoas transvestigêneras. Acreditamos que resgatar o que foi feito artisticamente por outras pessoas trans anteriormente é um movimento político necessário para que não se esqueçam da existência histórica dessas vidas. Por esse motivo, *Pajubá*, álbum de estreia de Linn da Quebrada com forte participação de Jup do Bairro e Liniker, é uma de nossas principais referências. A divisão de vocais das faixas desse álbum e as performances que Linn da Quebrada e Jup do Bairro construíam em suas apresentações ao vivo são um norte para nós. Outras referências que acreditamos serem possíveis de se construir um diálogo a partir do nosso projeto é a obra de Claudia Wonder e os shows de travestis populares no Brasil ao longo do século XX.

OBJETIVO?

Não sei ser objetivo, talvez sejam muitos os lugares a se chegar, ou muito os lugares não chegados. “Esse projeto visa explorar o corpo nas expressões cênicas usando como linguagem as danças Waacking e Voguing, pesquisando a potência cênica das sonoridades criadas pela dramaturgia.” Justamente por não ser objetivo acredito que ultrapassamos esse, atingindo também outros objetivos nesse caminho.

Inicialmente estava focado em trabalhar o corpo, esquecendo que corpo é voz e voz é corpo, por mais que muitas vezes me sinta fragmentado, minha voz se conecta naturalmente com meu corpo nesse show que não poderia acontecer em sua completude de outra forma. Incluí minha voz nas músicas somente no segundo semestre desse processo, voz que já foi muito calada precisa de tempo pra ressoar, vejo nesse desenrolar um belo caminho a seguir, cheio de surpresas boas quanto as que vivi. Dentre essas, também integrei a equipe de direção de arte, produzindo parte da cenografia e figurino do show.

Nessa trajetória diversos objetivos não foram atingidos para que assim outros se realizassem, ainda não alcançamos todos e é isso que nos faz continuar caminhando, estabelecendo novos e aceitando também as “derrotas”.

COMO CONSTRUIR

Eu, pobre mortal, equidistante de tudo, eu RG 20.598.061. Eu, primeiro filho da mãe que depois fui velha aluno dessa escola dos suplícios. Amazona do meu desejo, cadela de guarda do meu sonho vermelho. Eu reivindico o meu direito de ser monstro, nem homem, nem mulher, nem XXY, nem H2O. Eu, monstro do meu desejo, carne de cada uma de minhas pinceladas, lenço azul do meu corpo, pintora do meu andar, não quero mais títulos para encaixar, não quero mais cargos, nem armários, nem o nome exato que me reserve nenhuma ciência. Eu, borboleta alheia à modernidade, à pós-modernidade, à normalidade...Oblíqua, Silvestre, Vesga, Artesanal, Poeta da barbárie, com o húmus do meu cantar, com o arco-íris do meu cantar, e com meu esvoaçar: reivindico o meu direito de ser um monstro e que os outros sejam o Normal. O Vaticano normal, o credo em Deus e a virgíssima normal, os pastores e o rebanho normal, o honorável congresso das leis do normal, o velho Larrouse do normal. Eu só levo as coisas que me iluminam, o rosto do meu olhar, o tato do escutado e o gesto vespa de beijar. E terei uma teta obscena da lua mais cachorra em minha cintura, e o pênis ereto das cotovias desobedientes e sete pintas, 77 pintas, o que eu estou falando: 777 pintas do meu endiabrado sinal de criar minha bela monstruosidade, meu exercício de inventora, de rameira dos pombos, me ser eu, me ser eu, entretanto parecido, entretanto domesticado, entretanto metido até os cabelos em algo, outro novo título para carregar, banheiro: de Damas? ou de Cavalheiros? ou novos cantos para inventar....Eu Trans...pirada, molhada, nauseabunda, germe da aurora encantada, a que não pede mais licença e está furiosa de luzes maias, luzes épicas, luzes párias, Menstruais Marlenes Bizaras sem Bíblias, sem tabelas, sem geografias, sem nada, só o meu direito vital de ser um monstro, ou como me chame, ou como me saia, como me possa o desejo e a fucking vontade do meu direito de explorar-me, de reinventar-me, fazer de minha mutação o meu nobre exercício, veraneiar-me, outonar-me, invernar-me, os hormônios, as idéias, os punhos, e toda a alma! Amém! Susy Shock - Reivindico meu direito de ser um monstro (2011)

O texto acima foi escrito por Susy Shock, artista trans sudaca que é referência para o grupo e para o presente projeto. Abro esse tópico com essa citação, pois acredito que ela apresenta um dos pilares daquilo que queremos abordar com esse projeto.

A Fabulosa Viagem de Futurística apresenta uma linha narrativa. A história contada é uma metáfora para aquilo que vivemos ao longo dos últimos anos, o impacto que a pandemia de coronavírus e o isolamento social tiveram sobre os nossos corpos e emoções. O projeto é dividido em três atos (EPS), sendo cada um

referente a uma fase dessa trajetória. A ideia é que o conjunto de músicas explore as possibilidades de se construir uma dramaturgia narrativa sonora em seus mais diversos aspectos.

Essa narrativa será construída entre sons digitais, sintetizadores e guitarras distorcidas. A dramaturgia sonora se apresenta como uma mistura de diferentes estilos musicais e reverbera influências de diversos artistas. Para organizar essas referências, construímos uma playlist que reúne músicas nos estilos com os quais buscamos dialogar: Rock (Maneskin/Rita Lee/Os Mutantes/Ave Sangria/Pitty), MPB (Elza Soares/As Bahias e a Cozinha Mineira/ Ney Matogrosso/Juçara Marçal/Liniker), Pop internacional (Whitney Houston/Michael Jackson/ Lil Nas X/Black Pink/Troye Sivan) e nacional (Urias/Linn da Quebrada/Gloria Groove/Pablo Vittar), funk (Anitta/Ludmilla/Mr. Catra/Deize Tigrana/Heavy Baile), música eletrônica/voguebeat (Kraftwerk/Mr. Fingers/Badsista/Edgar), PC Music (Arca e Sophie) e Rap (Jup do Bairro/Rico Dalasam/Emicida/Crioulo). Tudo isso se mistura para construir uma sonoridade que faça o corpo dançar. Era um desejo do grupo que a dança fosse um dos pilares da composição musical desse projeto, visto que pretendíamos que as músicas dialogassem com as danças citadas neste projeto.

Tanto o Voguing quanto o Waacking estão ligados de forma intrínseca à produção desse projeto, visto que entramos em contato com esses estilos de dança juntos em 2019 e seguimos estudando desde então. É comum ver em diversos espaços LGBTQs e, principalmente, espaços trans, as pessoas se jogando no Voguing e outras danças. Trazer essa dinâmica de festa para nossa sonoridade e para o show é um dos objetivos do grupo. Queremos que a nossa música alcance esse lugar energizante, que faça pulsar vida. Como integrante da House Of Mamba Negra essa parte da minha história e vida não poderia estar longe do meu projeto e logo se tornou unanimidade entre nós que a energia de uma Ball (baile onde acontecem as batalhas de categorias da cultura ballroom) vibra uma energia próxima da que queremos fazer as nossas canções pulsarem.

A cultura Ballroom surgiu no final da década de 60 no Harlem (EUA), sendo protagonizada por pessoas pretas e latinas, principalmente pessoas trans, na busca de criar novas histórias e trajetórias e assim assumir o lugar que nunca foi permitido que estivéssemos, mostrando nossa beleza, performance e capacidade de produzir,

materialmente ou por meio do movimento, momentos glamourosos e, assim, exaltar a vida dessa população. Inicialmente existiam as categorias estéticas, mas a partir dessas e de outras referências, como por exemplo, lutas marciais e poses kemeticas, surge o Old Way, posteriormente o Vogue Femme e mais recentemente o New Way. Assim como outras danças da diáspora africana, a comunidade ballroom se organiza de modo circular, não há espaço para um espectador distanciado, quem assiste também vive o momento, “pagando” o dip (movimento da dança) dos dançarines, gritando para incentivar quem está caminhando e vibrando junto.

abigail Campos (2021) fala sobre a cultura Ballroom no capítulo *aqueerlombamentos: deserção y comunitarismo preto y gênero dissidente* em seu livro *ex/orbitâncias os caminhos da deserção de gênero* citando anteriormente que:

para Abdias Nascimento a estrutura comunitária dos quilombos não se reduz à materialidade dos territórios quilombolas. O quilombo seria para ele um espírito de pulsão disruptiva e comunitária expressa em todas as formas de insurreição de pretos (africanos ou da diáspora) contra o regime colonial e a supremacia euro-branca. (CAMPOS, 2021, pg. 167)

Essa coletividade ancestral, com todas suas camadas e problemáticas de se reunir dentro de um sistema que constantemente nos afasta e adoece, continua a me mover e gerar pulsão de vida.

Para identificar para onde gostaríamos de caminhar, elencamos também três referências cênicas para guiar nosso processo criativo: as obras realizadas pelos Dzi Croquettes, o show Trava-línguas já citado anteriormente e o espetáculo Segunda Queda dirigido por Ave Terrena e Cláudia Schapira e apresentado por um elenco 100% trans no teatro oficina em 4 de fevereiro de 2020. Essas três obras dialogam com dança e música para a construção de cenas e com um ambiente que tenciona padrões morais cisnormativos de forma festiva.

CONCEPÇÃO DRAMATÚRGICA

Futurística é uma personagem/persona que se perdeu numa viagem no tempo-espaço. Agora, lhe resta esperar a chegada do futuro, e anunciar a todes que na verdade não passamos de ciborgues. Ao perceber que o céu de seu planeta está caindo, ela decide fazer uma viagem pelo sistema solar. No espaço sideral, Futurística enfrenta diferentes fases da solidão. Quando consegue retornar ao seu planeta, precisa lidar com suas novas cicatrizes e reinventar sua sociabilidade. É importante para o nosso trabalho que as músicas que constroem essa dramaturgia também tenham diferentes significados quando isoladas. Dessa forma, almejamos construir obras que tenham diferentes camadas de sentidos e interpretações possíveis, como se fossem bonecas russas. Ao mesmo tempo, refletem o que vivemos enquanto população trans no Brasil dos últimos anos. Apresentamos a seguir o repertório da Fabulosa Viagem de Futurista, até o momento.

ATO I - A sonoridade desse ato passeia pelo Rock, Indie rock, Pop Rock, Funk, música eletrônica e Pc Music. Neste ato, Futurística conversa com o ouvinte e o convida para uma viagem espacial.

Prólogo (intro) - um poema recitado ao som de sintetizadores. Futurística se apresenta como uma viajante do espaço-tempo que se perdeu na realidade.

Letra

Me perdi numa viagem no espaço-tempo

E fiquei presa nisso que você chama de realidade

Mas eu não me encaixo aqui

Meu corpo andróide andrógine tem tecnologias tectônicas

Que você nem sabe que existe

A minha língua só entende quem é da minha espécie

Só quem sente o mundo através desses próstéticos

Que eu trago comigo.

Existem também aqui no seu tempo

mas você não vê

E quando vê sente medo.

“Desprogramado” - Futurística envia uma mensagem ao ouvinte e revela o desejo de desprogramá-lo, convidando-o a se libertar ao cantar e dançar. O ambiente sonoro se constrói com uma batida semelhante ao do funk, sintetizadores de ondas quadradas. A guitarra acompanha a harmonia fazendo powerchords dentro do ritmo do funk.

Letra:

Eu tô presa nessa era

Só me resta esperar

Pelo futuro

Te desprogramar

Uma nova atmosfera

Venha comigo cantar

Ouçã só já tá chegando

Seu mundo desprogramando

Do futuro que eu vim

Você foi desprogramado

Pra comemorar

vai ter carnaval

Reprograme ao cantar

Reprograme ao dançar

Do futuro que eu vim

Você foi desprogramado

“Cyborgue” - Futurística traz um questionamento ao ouvinte e o informa que nós, seres humanos, não passamos de ciborgues computados. Essa música usa de conceitos levantado por Paul Preciado no Manifesto Contrassexual (2017), no qual o autor afirma que nosso corpo se funde com órgãos prostéticos, tecnológicos, que constroem um novo nível de organização, a do ciborgue. Outra referência usada nessa canção é a primeira dramaturgia do grupo Dzi Croquettes, na qual um personagem diz ao público que todos são seres computados. Um riff de bicords na guitarra em diálogo com sintetizadores constroem a harmonia.

Letra:

Tudo é programado

Tudo é computado

Tecnologia

Artificial

Tudo é tão plástico

Tudo tão prostético

Tudo fantasia

Pra você é moral

Ei, você já percebeu?

Você é um ciborgue

Computado tanto quanto eu

Minha barba feminina

Sua saia comprida

Minhas unhas pintadas

Seu terno e gravata

Tudo foi criado

Tudo inventado

Mas pra você

Tão natural

(refrão)

“Fim do mundo” - Apocalipse significa revelação, começo de uma nova era. Canta-se o desespero de ver o fim de um ciclo, mas também a consciência de saber que coisas precisam morrer para que outras nasçam em seu lugar.

Letra:

No horizonte já se vê o fim
Desse CISTema no planeta Terra
A nossa nave nos trouxe aqui
Estamos Chegando no fim dessa era

Os ventos já sopram o fim vem aí
Não tenha medo do que vem a seguir
Melhor aproveitar enquanto 'cê espera
Enquanto não chega o fim dessa era

(PRÉ-REFRÃO)

Pode tá fazendo nada
Pode fazer o que te agrada
Que cê quer fazer
No apocalipse?

(REFRÃO)

De que lado 'cê quer tá no fim do mundo? (4x)

Vem vamo dançar

até tudo acabar

vai acontecer

não tem o que fazer (2x)

(PRÉ-REFRÃO)

(REFRÃO)

“Sistema Solar” - Diante da insalubridade de se habitar em seu planeta, Futurística planeja uma viagem pelo Sistema Solar para encontrar um local que ainda seja possível amar.

Letra:

Vamos morar em marte

Lá não tem vírus nem gravidade

Meu amor

Vamos morar em marte

Construir uma sociedade a parte

Sem um presidente que nos guie pra morte

(Refrão)

Vamo viajar pelo sistema solar

Porque aqui já não dá pra ficar(3x)

Quem sabe lá a gente possa se amar

Pousar a nave em vênus

Sem reprimir os nossos desejos

Meu amor

Vamos pousar em vênus

Performar tudo o que nós podemos

Ressurgir num mundo ofuscando o medo

(Refrão)

Vamos viajar pelo sistema solar

Porque aqui já não dá mais pra ficar

Viver entre estrelas cometas

Sair de vez desse planeta (2x)

(Vamos viajar pelo sistema solar...)

(Refrão)

Ato II - O funk Pop vai ganhando espaço e as ondas sonoras dos sintetizadores brincam ainda mais com formas quadradas. Os timbres remetem ao universo de ficção científica. Os vocais começam a ficar mais agudos com o passar das músicas, explorando-se mais a região média da extensão vocal dos performers. A guitarra fica mais pesada. Em sua viagem espacial, Futurística se vê obrigada a encarar as diferentes fases da solidão

“A partida” (interlúdio) - Futurística se despede do seu planeta e parte para uma viagem pelo sistema solar. Os sintetizadores nos levam para o espaço sideral como se fossem naves ou foguetes.

Letra:

Me lancei numa fenda no espaço-tempo

E lá construí o meu casulo

Lá eu poderia ter tempo pra nascerem minhas asas

Lá eu poderia ter espaço para esticar as minhas pernas

Lá eu poderia ter o silêncio para cantar aos meus ouvidos

Lá eu não tive nada disso

Tudo que eu tive foi saudade

Saudade de um tempo e de um espaço que já não dá mais pra tocar

“Combustão instantânea” - A primeira fase da solidão. Nos primeiros momentos sozinha, Futurística sente falta do contato pele com pele, principalmente o contato sexual. Ela ainda tem esperanças de que volte a vivenciar esse tipo de contato em um futuro próximo e canta sobre essa expectativa.

Letra:

To nessa nave sozinha

Tão distante de ti

To perdendo a linha

‘Tô subindo pelas paredes

Cê faz falta aqui

Meu Corpo é Desejo

Do seu corpo sentir

(Refrão)

Quando sua pele tocar minha pele

Vai ter combustão instantânea

Duas chamas rolando no chão

Dançando em cima da cama

To com saudade

seu corpo

Seu Toque

Sua Língua

To com vontade

Sua boca beijando a minha

To com saudade

Seu gosto

Seu cheiro

Sua (gemido)

To com vontade

Sua boca na minha virilha

(refrão)

“No espaço” - A saudade de uma companhia humana se intensifica e aos poucos se transforma em uma melancolia. Futurística sente falta de abraçar, sentir cheiros e o toque da pele. Apesar da letra triste e o tom menor, a música constrói um ritmo dançante com a base rítmica do funk.

Letra:

Sozinha no espaço

Pensando em você

Quero seu abraço

Voltar a te ver

Sentir o seu cheiro

Sua pele aqui

Dois mundos inteiros

Se amando assim

“**Solidão**” - Futurística percebe sua solidão, como se finalmente conseguisse nomear o que estava sentindo. A guitarra distorcida grita através de bicordes. Um reggaeton lento e triste, misturado com uma guitarra distorcida e efeitos Wah Wah. A sonoridade flerta com o poprock.

Letra:

Em Marte te espero

Acho que ‘cê não vem não

Mergulho no meu tédio

Que que faço com a minha solidão?

(refrão)

Quero sentir prazer

De novo com você

Não consigo te esquecer.

Que que eu faço com a minha solidão?

Em Vênus te espero

Cê quebrou o meu coração

Tô falando sério

Que que eu faço com a minha solidão?

(refrão)

“ET no Seu Planeta” - Futurística deseja amar e ser amada novamente, mas percebe que ainda pode ser vista como uma alienígena. A guitarra ganha mais espaço e uma distorção parecida com as guitarras do emo-rock dos anos 2000.

Letra:

Eu caí na sua órbita

Mas você nem deu bola

Não queria tá assim

Mas meu coração me controla

Cê nem se quer merece

Mas meu corpo se esquec

(refrão)

Sou um E.T. no seu planeta

Mas eu sei amar

Mas eu sei amar

Mas eu sei amar

Eu só quero ser amada

Me sentir desejada

Por você amor

Por você amor (2x)

(Refrão 2x)

ATO III - Futurística retorna ao seu planeta e tudo está diferente. Ela precisa se reconectar com si mesma e lembrar como viver sendo livre. Os vocais estão na região mais aguda da voz. As sonoridades das músicas misturam música eletrônica, dance, disco e rock. A guitarra se faz protagonista.

“À casa torna” (interlúdio) - Cansada da Solidão e transbordando de saudade, Futurística decide retornar a seu planeta natal. A sonoridade nos traz de volta ao planeta do qual partimos, mas esse já está completamente diferente.

Letra:

Tudo o que me restou

Foi saudade

Daquilo que não pude viver

Agora eu perdi quem sou

Só me resta coragem

Pra voltar de onde eu vim

Se o mundo tá mesmo acabando

Eu me acabo também

“Aqui nesse bar” - Futurística sai para curar suas recentes feridas na vida noturna e dançar a noite inteira.

Letra:

Voltei pra cá

Tudo aqui mudou

Não reconheço esse lugar

Fui viajar

Não sei mais quem sou

Brutal o sistema solar

Falta senti

De estar aqui

Eu vou sair comemorar

(Refrão)

Vem aqui garçom

Aumenta o som

Quero esquecer

A solidão

Eu vou ficar

'Qui nesse bar

'Té amanhacer

Deixa eu dançar

Olho pro céu

Eu estava lá

Agora pus meus pés no chão

Meu coração

Não quer se lembrar

Do que viveu na imensidão

Falta senti

De estar aqui

Eu vou sair comemorar

(Refrão)

“Sente” - Durante a noite, Futurística recebe a visita de uma figura mística andróide andrógine que lhe estimula a se desprender de tudo o que lhe acorrenta e a se sentir bem por ser diferente. Essa música é construída principalmente a partir de pads, que têm uma leveza divergindo da guitarra com distorção pesada. Cria-se uma atmosfera onírica, porém dançante.

Cifra

No meio da noite

Elu apareceu

Cortou com sua foice

o que não era eu

Se aproximou

Revelou quem sou

Minha vida mudou

Quando elu falou

Sente

Deixa ser tão diferente

Tira tudo que te prende

Sente, sente

“E.T. CIBORGUE” - É a finalização do álbum, o momento que a personagem relembra tudo o que viveu e resolve se libertar. A sonoridade é um resumo de tudo o que atravessou as outras músicas.

Letra:

Viajei pelo espaço sideral

Me perdi na amarga solidão

Tentei me encontrar

nessa imensidão

Achar o meu lugar

Dentro dessa canção

Parei de batalhar

Tentar achar razão

Cansei de ser normal

Segui meu coração

Pra achar o meu lugar

Dentro desse refrão

Encontrei outros iguais a eu

A gente se fortaleceu

Em coro passamos a cantar

Reivindicar nosso lugar

Não, não me controle

Me deixa viver

Como eu quiser ser

Me deixa ser um et ciborgue

Não, não me controle

Me deixa cantar

Fora do acorde

Eu sou um E.T. ciborgue

“Epílogo ou canção de adeus” - É o momento final do álbum. Um pós-espetáculo. É como se a luz de serviço fosse acesa e os performers se despissem da personagem. Os timbres estão menos sintéticos e a distorção da guitarra desligada. Uma despedida de toda a viagem acompanhada pelo ouvinte, e um convite para que este retorne.

Letra:

Nosso tempo acabou

Foi bom enquanto durou

Foi muito especial

Nunca vivi nada igual

(pré-refrão)

Quando Você partir

Vou me lembrar de ti

Não esquece de mim

Vamos fazer assim

(refrão)

Eu vou tá aqui

Se você quiser,

Amor, se for te fazer feliz

Me bota no repeat

A partir das músicas foi criado um roteiro de ação para o show desenvolvido nesse projeto, que inclui o primeiro ato e a música de despedida, disposto a seguir:

- Entregamos bebida para o público que entra.
- Toca áudio do prólogo.

desprogramado

- caminhamos para frente, trocamos de lugar depois do primeiro refrão, no refrão do meio nos olhamos e no terceiro olhamos para o público. No último refrão voltamos para o nosso pedestal trocando de novo de lugar. Em desprogramado desenvolvem-se movimentos mais fluidos (se sentindo, funk, hands performance).

- Alexis recebe o público falando sobre a futurística.

cyborgue

- Alexys vai para o fundo e armr desfila alternando entre os estilos european e american.

- Alexys com movimentos robóticos.
- Armr experimenta roupas e se monta
- Declama poesia

Tudo que a gente imagina é e existe

Eu abro mão desse gênero humano

sou um réptil escamoso

Preciso

Me desfazer pra criar raízes de novo

Eu bifurquei meus laços

os internos

Me desfiz um pouco

Agora aqui passa um ar

Que vira ventania

Que vira tornado

Que sobe espiralado

Que gira aqui dentro

Tirando tudo do lugar

me organizo

É que eu

Sou viciade em mudar

sou viciade na mudança

Hoje nas/ceu umas escamas em mim

dentre esses giros tortos vi

dentes saindo na boca

vi que tinha também dentes

sabia morder

crescer

girar e cair

colher

plantar

comer e ouvir

sabia também assobiar uma canção antiga que me veio ali

cantou em meu ouvido coisas que não lembro

disse em meu subconsciente que renasceria em tons de cinza um dia
ensolarado

desses dias não binários

bons e ruins viviam os dias na busca de uma fuga

só assim surgia algum sentido naqueles dias

quando já não eram um

e sim dois ou mais

quando já não era sol ou chuva

e sim escorriam arco íris

quando o céu já não era azul

e sim verde anil

quando já era o ser

e também o existir

quando já não era o ver

mas podia sentir

Talvez seja um pouco o velho vício em deslocar

não importa como

transmutar

- armr dança esse último refrão (elementos de vogue femme)
- armr fala sobre musica do fim do mundo:

Nessa música a gente fala sobre o fim do mundo, isso tem muito a ver com o momento também em que ela foi escrita, como citamos. Mas vai pra além disso, um apocalipse significa literalmente "uma descoberta") é uma divulgação ou revelação de algo muito importante, já foi denominado como "Uma visão dos segredos celestiais que pode dar sentido às realidades terrenas". O mundo já acabou muitas vezes, e vai acabar muitas mais, das piores e das melhores formas

- Alexys apresenta Helô
- solo de Helô

fim do mundo

- montar uma pose em câmera lenta para quando vier o primeiro beat
- poses no início no ritmo da guitarra
- e movimentos fluidos mais soft and cunt pequenos (no pedestal cantando) mas com pausas principalmente na introdução do segundo verso.
- armr se troca
- audio da poesia:

Tudo é tão plástico

Tudo tão protético

Tudo foi criado

Tudo inventado

Mas pra você

é tão natural

Tudo se desfaz

Vem se desfazendo

mas você se crê eterno

Do futuro que eu vim

Você foi desprogramado

Eu te vi derreter

olhando nos meus olhos

A decisão é toda sua

De todas as decisões essa é a mais profunda

O que você vai fazer?

Vem vamo dançar

Até tudo acabar

O que ce vai fazer? no apocalipse

Quando tudo acabar

E um novo giro iniciar

De que lado ce quer tá no novo fim do mundo?

Performar tudo o que nós pudemos

Ressurgir no mundo

Ofuscando o medo

Eu sei que ce tem desejo

Eu sei que você também vê o que eu vejo

Mas

não deixa transparecer

Eu sei que você me odeia

Seus olhos fechados já me deram medo

mas hoje derrubamos vocês

Amanhã destruímos eles

Um dia seremos só nós

Ressurgir no mundo

Ofuscando o medo

Performando tudo o que nós podemos

- armr entrega o zine-passagem e mostra o qr code no celular do capacete para o público.
- Armr dança formando linhas e movimentos fluídos, girando no eixo e orbitando alexys com um corpo mais monstre e bizarro. Alexys tem movimentos de braço do waacking/pose.
- organização do espaço e troca de roupa
- Armr se troca

música de despedida

- Armr fala: essa foi A Fabulosa Viagem de Futurística e nós fizemos uma música pra se despedir de vocês, que é mais ou menos assim:
- Alexys toca teclado e cantamos juntas

MUDANÇAS E DESCOBERTAS

Durante o processo diversas mudanças ocorreram no projeto, principalmente em relação à nossa visão dele. Iniciamos pensando em um espaço fluído e livre no qual o público ficaria espalhado em nosso entorno, em uma atmosfera festiva. Iniciamos os dois ensaios semanais com treinos de corpo e voz, alguns encontros de corpo conduzidos por Helô e outros por mim e voz por Alexys tentando desenvolver essa corpa que recepciona e conduz o público em um show musical. Esse primeiro momento deu continuidade ao que já estávamos desenvolvendo de forma on-line antes.

Uma de nossas primeiras missões foi pensar o início do show, para isso pensei em alguns aspectos dessa recepção, já tínhamos a introdução da primeira música, mas antes dela viria a seguinte frase “ei ei ei gatinhes, hoje não tem babado nem barraco, a gente vai fazer uma viagem, vem dançar comigo? se quiser, fora desse cis-tema solar tem muito espaço pra gente se atracar”. A ambientação desse espaço aconteceria por meio de luzes em tons de roxo e azul e esse momento conteria movimentações com o Popping, para se relacionar com essa presença cyborgue da música e do processo como um todo.

Nas aberturas testamos alguns dispositivos para desenvolver nossa relação com o público, primeiramente por meio de um jogo que realizamos em oficinas de voguing e nos ensaios deste projeto. O jogo se chama "Pass the beat", depois de formada uma roda as pessoas dançam durante um período e passam o movimento para outra pessoa da roda até que todes tenham dançado. Para isso, editamos um áudio com partes das músicas que estamos construindo e enviamos um código de vestimenta incitando os espectadores a criarem um figurino “Cyber Cyborgue Futuristique”. Além disso, nessa abertura pudemos contar com uma iluminação básica que buscava criar um ambiente que absorva o público para um universo de festa. Essa abertura nos auxiliou no desenvolvimento da nossa relação com o público, percebendo um pouco do que ajuda e atrapalha para decidir o que manter para próximas apresentações. Posteriormente apresentamos um outro áudio, com partes mais desenvolvidas de algumas músicas, agora com voz, e algumas sequências coreográficas. Além disso, recebemos o público com um shot de “Para tudo”, uma bebida alcoólica amarga, para trazer o clima de festa que buscamos.

Porém nessa apresentação não contamos com a luz e o microfone por problemas técnicos que não estavam ao nosso alcance solucionar naquele momento. Esse momento também foi importante para tomada de decisões em relação a esse show. Houve também, antes das aberturas, momentos das aulas nos quais eu conduzi treinos curtos de Voguing e Runway, para desenvolver minhas habilidades de interação com outras pessoas por meio da dança.

Por meio dos treinos de Voguing nos ensaios e com outras pessoas aprofundamos nossos conhecimentos e começamos a corpor (KATZ, 2021) essa dança, mas com a consciência de que precisamos desenvolver mais esse aspecto visto que aprender uma linguagem na dança exige treino constante. Além da dança, pensamos na presença dessa carne durante os momentos de interação com o público, principalmente nos encontros com Helô, por meio de exercícios corporais que incluíam caminhadas, espelhamento, poses e exercícios de ritmo e dança.

No fim do primeiro semestre trabalhamos em uma das músicas chamada Ciborgue e incluímos um trecho de uma poesia produzida por mim, experimentando como a fala pode interagir com a sonoridade da música. No segundo semestre continuamos esse processo de experimentação avançando para criação de células de ação, preparação desse corpo para a interação com o público e passagem das músicas e movimentações visto que acabamos por decidir que eu também cantaria em alguns momentos.

Esse processo com a voz foi um dos mais complexos e maravilhosos, visto que nunca havia cantado dessa forma na vida. A minha voz está em constante mudança por causa da terapia hormonal e isso deixa tudo mais difícil, mas viver esse processo durante a hormonização também me auxiliou em diversos pontos da minha relação com minhas disforias vocais. Entendemos no processo que focar em estar completamente afinados e alinhados vocalmente em um sentido técnico não era o principal agora, mas sim desenvolver a voz e o corpo para que o show se tornasse orgânico e houvesse unidade entre os indivíduos e os momentos do espetáculo. Grande parte dos ensaios eram focados em passar o show de forma completa de acordo com o roteiro de ação produzido simultaneamente e a finalização das músicas.

Em paralelo aos ensaios geramos outros aspectos do show, como, no meu caso, uma video-performance, a cenografia e figurino. Integrando a equipe de direção de arte estabelecemos algumas estéticas para o show para que remetesse ao futuro presente nas músicas, mas não somente este. O conceito gira em torno de um fim do mundo futurista. Esse apocalipse contém roupas e objetos reutilizados e reinventados, enquanto há cores e algo de inovador tudo é um pouco antigo e traz a ideia de que os intérpretes usam essas roupas e objetos através do tempo sem poder ter o acesso material de hoje no qual quase tudo é descartável.

Os figurinos para o show tem uma unidade, trazendo um pouco da personalidade de cada interpretação dos *atrozes* no show. As roupas foram pensadas para atender as necessidades corporais em relação a respiração e movimentação sem perder o aspecto apocalíptico reluzente de Futurística. Dentre as referências temos Edgar que trabalha muito com reutilização de materiais e formas não usuais de roupas e Matrix que foi dirigido por Lilly Wachowski e Lana Wachowski. O desenho das roupas e acessórios são assinados por mim e Mateus Martinez e foram costurados por Ray Lopes, Juaum e eu. Após estarem prontas, fiz algumas alterações com fios de carregadores e fones e tinta para tecido para deixar mais evidente a estética idealizada por mim.



(Imagem 1: Figurino principal do show.)

O processo prático da produção dos figurinos gerou outra movimentação na minha forma de criar, já havia feito customizações mas o meu figurino principal foi minha primeira experiência com a costura de peças completas. A relação com as

peças que utilizo se torna pessoal visto que pensei e criei a peça desde o início, se tornando não somente o figurino, mas também uma realização por si só.

O *look* de *cyborgue* tem uma estética ligeiramente diferente, se relaciona com esse universo, porém integra outros signos da masculinidade e feminilidade durante a performance com o mesmo. Com cores vivas e acessórios holográficos, essa montagem exprime um pouco da minha relação com a feminilidade e as diversas fases dela na minha vida. Já me foi imposta, eu me impus e hoje brinco com ela como velhas amigas, vejo que sempre tive um pouco de feminilidade e masculinidade performática em meu corpo, não que seja inerente ao ser, ao mesmo tempo que tenho esses signos em mim sinto como se não integrasse meu ser, performo-as vivendo, em direta relação com meu eu, em um faz-de conta não deslocado da minha realidade, também feita. Minha performance exagerada ali é também a performance mínima dos meus dias, não sei o quanto disso sou eu, onde termina o eu e começa o que eu finjo ser pra viver em sociedade depois de tudo que esta me fez ser.

A cenografia se desenvolve como uma brincadeira de criar pequenas instalações que remetem ao nosso universo, juntando vontades e estéticas do nosso interesse para tornar o espaço acolhedor e fazer o público aos poucos entrar conosco nessa viagem.

Assim como em uma das aberturas decidimos oferecer um shot no início do show e construímos um adereço para o cubo nessa estética festiva. Decoramos a mesa de DJ com tecidos e uma nave *trash* e ao lado um computador desktop pintado e amontoado. Há também recortes de papelão pintados com tinta spray no notebook, logo atrás da nave. Esses signos remetem ao universo presente também no figurino, um espaço futurista apocalíptico mas com a alegria que queremos que também esteja presente ali em sinal de resistência, assim utilizamos tons de azul, prata, roxo e rosa com aspecto metálico ou brilhantes.

O figurino da música “Sistema Solar” inclui um capacete com um QR code em uma tela de celular, este leva para a video-performance produzida com musicalidades minhas e de Alexys a seguir: <https://drive.google.com/file/d/1Gf7bnqYAMKk82i32JxHR-QwJUQfLsb4N/view?usp=>

[drivesdk](#). Simultaneamente é entregue o zine-programa da peça com o mesmo QR code, uma poesia que inclui frases das músicas e a ficha técnica. Esse zine brinca com a ideia de ser também uma passagem para essa viagem na qual conduzimos o público durante o show e especialmente nessa música. A figura que trago nessa música se relaciona com a plateia e posteriormente dança orbitando a performance de Alexys como intérprete.

CAMINHOS

Toda essa trajetória modificou totalmente o meu modo de criar e minhas vontades, muito permanece, mas em outra potência. Diversas descobertas e transições aconteceram gerando o que hoje é a Fabulosa Viagem de Futurística, e ela não chegou ao fim. Com ela observei também como se torna muito mais leve criar com outras pessoas trans e/ou outras vivências próximas das minhas.

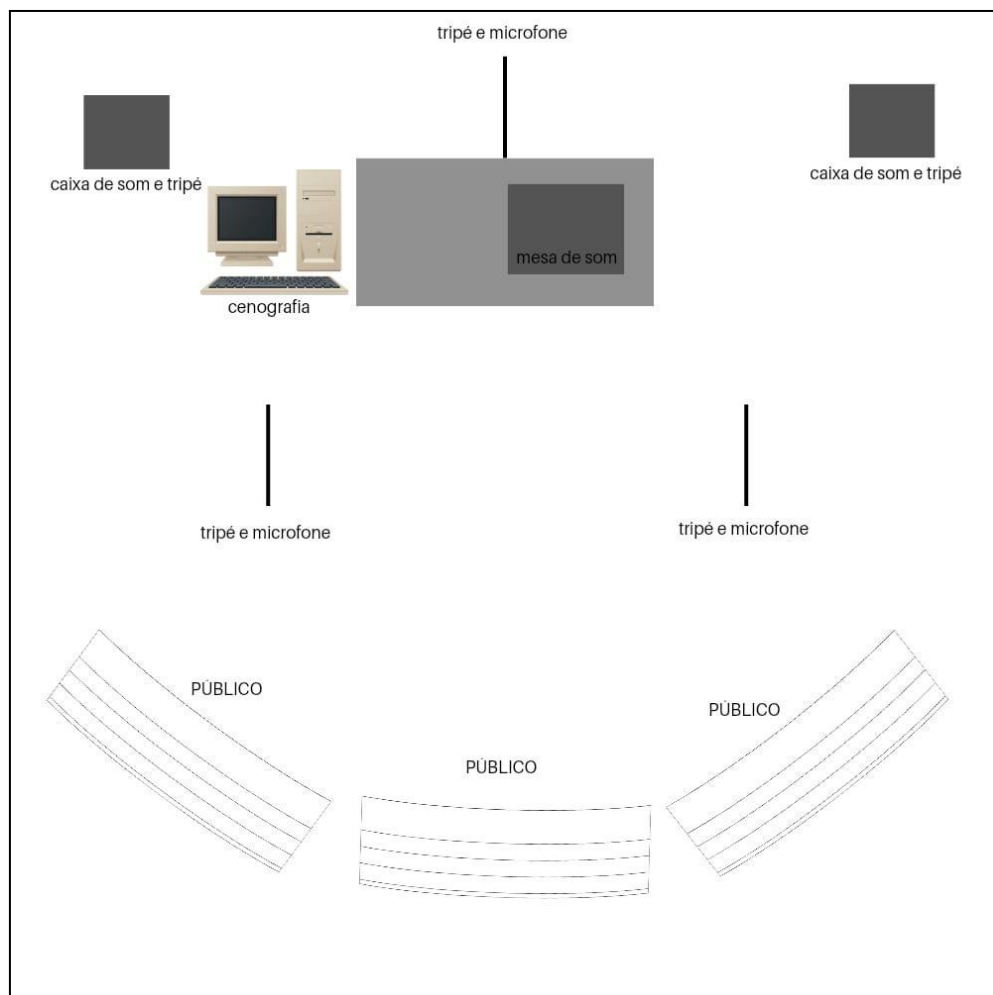
Nesse percurso aprofundei meus estudos em voguing frequentando oficinas e treinando principalmente Vogue Femme e Runway, que me fizeram integrar aspectos dessa categoria estética da cultura Ballroom na minha performance em Cyborgue, além de performar elementos de vogue femme nos momentos dançados. Unir esse estudo essencial para mim com esse projeto fez com que minha vontade de crescer como performer nesses dois espaços, Ballroom e como cantore/interprete aumentasse visto que observo a forma como essas vivências potencializam minha corporeidade e me fazem ter vontade de seguir trilhando essa vida e criando nesse processo de retomada.

Essa “pesquisa” não é só um projeto a ser executado, é a minha vida e a vida de muitas que estão presentes aqui também, se fortalecendo para continuar vivendo quando nos dizem constantemente que não deveríamos existir.

“Combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer.”
(Conceição Evaristo, 2016)

ANEXOS

- Mapa de palco



- Programa

A FABULOSA VIAGEM DE FUTURISTICA

Tudo é tão plástico
Tudo tão prostético

Eu te vi derreter
olhando nos meus olhos

Tudo foi criado
Tudo inventado
Mas pra você
é tão natural

A decisão é toda sua
De todas as cisões essa
é a mais profunda

O que cê vai fazer?

Tudo se desfaz
Vem se desfazendo
mas você se crê eterno

Vem vamo dançar
Até tudo acabar

Do futuro que eu vim
Você foi desprogramado

O que ce vai fazer?
no apocalipse

Quando tudo acabar
E um novo giro iniciar
De que lado ce quer tá
no novo fim do mundo?

Performar tudo
o que nós podemos
Ressurgir no mundo
Ofuscando o medo

Eu sei que ce tem desejo
Eu sei que você também
vé o que eu vejo
Mas

não deixa transparecer

Eu sei que você me odeia
Seus olhos fechados
já me deram medo
mas hoje derrubamos vocês
Amanhã destruímos eles
Um dia seremos só nós

Ressurgir no mundo
Ofuscando o medo
Performando tudo
o que nós podemos

FICHA TÉCNICA

ARMORE ERORMRAY
Intérprete, direção de arte,
figurino e poeta.

ALEXYS AGOSTO
Intérprete, produção musical
e dramaturgia sonora.

CEVITI
Mixagem, direção de palco e
produção musical.

MATEUS MARTINEZ
Direção de arte e figurino.

JUAUM LIMA
Figurino.

ISABEL MONTEIRO
Iluminação.

https://drive.google.com/file/d/1LVpMuEKw4ncUhdSQ80itHtFdvmMM7l6Y/view?usp=share_link

REFERÊNCIAS

Entrevistas:

TONELLI, Bayard. Entrevista concedida à Alexys Agosto Machado Pinheiro no dia 20 de maio de 2021.

BARCELOS, Ciro. Entrevista concedida à Alexys Agosto Machado Pinheiro no dia 24 de maio de 2021.

TOVAR, Cláudio. Entrevista concedida à Alexys Agosto Machado Pinheiro no dia 25 de maio de 2021

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Playlist Futurística:

https://open.spotify.com/playlist/5yPPiCwePdyJIRVgtCMy0e?si=_qy9ljKiRh-SmjmuXWapRQ&utm_source=whatsapp

Sé da Rua- Eclipse de sangue

(<https://soundcloud.com/sedarua/3-eclipse-de-sangue>)

Show Trava-Línguas, Linn Da Quebrada, Badsista e Jup do Bairro (<https://youtu.be/Yxvrk6K25sE>).

Segunda Queda, Ave Terrena e Claudia Schapira, apresentação no Teatro Oficina no dia quatro de Fevereiro de 2020 (https://youtu.be/BRvM0d_5GIU).

CARVALHO, Renata. Manifesto Transpofágico. São Paulo: Editora Casa 1, 2022.

RIBEIRO, Wagner. Dzi Família Croquettes.

RIBEIRO, Wagner; Ponzina, Leonardo. Dzivirta-se! A vida é uma festa.

RIBEIRO, Wagner; GAYA, Claudio; PINTO, Fernando. TV Croquettes, Canal Dzi.

SERVIÇO de Censura de Diversões Públicas. Título: Animus Anima Est. Cert. Nº 5383. Série: Serviço de Censura, subsérie: peças teatrais. 1972 17 folhas.

SERVIÇO de Censura de Diversões Públicas. Título: Dzi Croquettas, as Fadas do Apocalipse. Cert. Nº 4699. Série: Serviço de Censura, subsérie: peças teatrais. 1976. 19 folhas.

SERVIÇO de Censura de Diversões Públicas. Título: Dzi Croquettas, as Fadas do Apocalipse. Cert. Nº 4699. Série: Serviço de Censura, subsérie: peças teatrais. 1974. 42 folhas.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

CAMPOS, abigail. ex/orbitâncias os caminhos da deserção de gênero. GLAC. 1ª edição. 2021. São Paulo.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas. 1ª edição. 2016. Rio de Janeiro.

KATZ, Helena. Corpar – porque corpo também é verbo. 2021. Disponível em:
<https://dancaimprovisada.wordpress.com/2022/01/24/corpar-porque-corpo-tambem-e-verbo-katz-2021/>

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2021. Perspectiva. 2ª edição. 2021. São Paulo.

PRECIADO, Paul B. "Manifesto Contra-sexual". Editora N-1 edições. 2ª edição. 2017. São Paulo.

PRECIADO, Paul B. "MULTIDÕES QUEER. NOTAS PARA UMA POLÍTICA DOS ANORMAIS" In: Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011